

PRÁTICAS DE USO E MANEJO DO BURITI-PALITO (*Trithrinax brasiliensis*) NO MUNICÍPIO DE IRATI, CENTRO SUL DO PARANÁ.

Helene Pereira, Luiz Augusto Perret, Thiare Aparecida do Valle Coelho, Maria Cristina Medeiros Mazza, Gabriela Schmitz Gomes (Orientadora),
e-mail: profagabrielaforestal@yahoo.com.br.

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Setor de Ciências Agrárias e Ambientais, Departamento de Engenharia Florestal, Laboratório de Agrossilvicultura, Irati, Paraná; Embrapa-Florestas, Projeto Conservabio.

Palavras-chave: Arecaceae, artesanato, etnobotânica, PFSM

Resumo:

O uso de espécies arbóreas para a produção de artesanatos e produção de alimentos é uma prática comum em famílias tradicionais de comunidades do interior. Este trabalho objetivou aprofundar o conhecimento sobre a espécie conhecida popularmente por Buriti-Palito (*Trithrinax brasiliensis*), envolvendo o conhecimento popular utilizado para confecção de chapéus tendo como sua matéria-prima as folhas da palmeira.

Introdução

O Buriti-Palito é uma espécie hermafrodita que ocorre na Floresta Ombrófila Mista e Floresta Ombrófila Densa em todo o sul do Brasil, naturalmente em afloramentos rochosos, em solos rasos e com fertilidade baixa a alta (GUBERT FILHO, 1987). É uma espécie heliófila e tolerante ao frio. Devido à sua raridade está incluída na lista de plantas ameaçadas de extinção no Paraná, na categoria vulnerável (PARANÁ, 1995).



Figura 1- Exemplares de Buriti-Palito (*Trithrinax brasiliensis*) em uma comunidade rural no município de Irati, Paraná.

Seu fruto é do tipo drupa ovoide, carnosa, de polpa comestível e amêndoa oleaginosa. Suas folhas são simples e apresentam-se em leque,



partidas até a metade, medindo cerca de 150 cm de comprimento (CARVALHO, 2010). A polpa do seu fruto é comestível e de sabor doce. As fibras das folhas desta espécie são usadas na fabricação de chapéus, cestos e tecidos (LORENZI et al., 1996; BACKES; IRGANG, 2004).

Com objetivo de conhecer aspectos etnobotânicos envolvidos na utilização das folhas de Buriti-Palito por uma comunidade rural conduziu-se o presente estudo.

Material e Métodos:

Foi realizada uma entrevista com duas irmãs e a mãe, no dia 20 de maio de 2011, na comunidade de Pinho de Baixo, município de Irati. A confecção de chapéus das folhas do Buriti Palito é tradicional entre os integrantes da família entrevistada, as quais realizam a atividade a fim de complementar a renda familiar, e cultivar a tradição herdada de gerações anteriores.

Resultados e Discussão:

As entrevistadas denominaram a espécie apenas como “Buriti”. A mãe relatou que ensinou as suas 7 filhas a fazerem os chapéus pois era uma maneira de sustentar a família, e desde criança ela também sempre ajudou a sua mãe. Esta tradição está sendo passada também para os filhos das irmãs entrevistadas. Cada pessoa da família participa de algumas etapas da produção, sendo que algumas são feitas por todos e outras, como a colheita, são feitas apenas pela mãe e uma das irmãs, já que a outra tem medo de causar danos a planta, impedindo que brote novas folhas. O trançado é feito pelas duas irmãs, enquanto que a costura é feita apenas pela mãe, pois nenhuma das outras duas tem habilidade com a máquina de costura.

A coleta da matéria prima (folha do buriti) é feita de forma manual utilizando uma taquara de dois tamanhos, que é utilizada conforme o trabalho na palmeira, com uma espécie de gancho com uma lâmina cortante, na qual se retiram somente as folhas aptas ao uso, que são as folhas intermediárias, estando localizadas bem no meio da copa, sendo retirado de 2 a 3 folhas de cada palmeira. A coleta é feita com bastante cuidado para não se retirar os brotos, visando garantir o processo de brotação de novas folhas e a integridade das plantas.

Após a coleta em campo, as folhas são levadas para a casa, onde são cozidas por aproximadamente 3 horas, tornando as folhas com aspecto mais escuro. Em seguida permanecem por aproximadamente 1 semana secando ao ar livre. Após secar, elas ficam mais claras e depois são lavadas para retirar a pilosidade da folha. Ainda é necessário secagem em um varal por meia hora; Na Tabela 1 podem-se observar todos os processos com seu respectivo tempo gasto para a obtenção de um chapéu.

Após o beneficiamento da folha, a mesma é dividida em tiras com largura proporcional ao tamanho que se pretende fazer a trança. Com 7 tirinhas inicia-se o trançado. Precisando de 7 tranças com aproximadamente 1,50m (uma braçada) cada para fazer um chapéu de trança grossa, e de 10 a 12 tranças para fazer um chapéu de trança fina. Depois de trançado, são

costuradas as tranças, dando formato ao chapéu.

Tabela 1 – Processos para obtenção de um chapéu feito de forma artesanal a partir das folhas do Buriti-Palito (*Trithrinax brasiliensis*) em uma comunidade rural no interior do município de Irati-PR.

Processo	Tempo Gasto
Colheita	2 minutos
Cozimento da folha	3 horas = 180 minutos
Secagem	1 semana
Tirar a pilosidade da folha	10 minutos
Secagem novamente	30 minutos
Trançado	80 minutos
Costura	15 minutos
287 minutos = 4h47	

Os chapéus de trança mais larga (Figura 2, a esquerda) são vendidos em um supermercado de Irati por R\$ 42,00/dúzia, custando então R\$ 3,50 a unidade. São vendidos também na vizinhança variando de R\$ 8,00 a R\$ 12,00, dependendo do tipo da trança.



Figura 2- Chapéus manufacturados a partir de folhas jovens de Buriti-Palito (*Trithrinax brasiliensis*) em uma comunidade rural no município de Irati- PR.

Antigamente a procura era maior, embora hoje em dia os chapéus ainda sejam bastante procurados pela vizinhança, predominantemente agricultores familiares, principalmente durante os meses mais quentes do ano. As tranças são armazenadas prontas e os chapéus confeccionados sob medida, utilizando-se para isso um fio que o freguês amarra à sua cabeça, registrando a circunferência mínima que o chapéu deve ter.

As entrevistadas não utilizam os frutos desta palmeira, porém relataram tentativas de propagação da espécie via semente principalmente com objetivo de formar agrupamentos mais próximos às suas residências,



diminuindo o esforço de deslocamento até as áreas de coleta que pertencem a terceiros. Por se tratar de uma comunidade com um sistema tradicional de uso da terra, onde prevalece o pastoreio de animais domésticos como bovinos e equinos em meio às áreas florestadas, não se observa indivíduos jovens oriundos de regeneração natural da espécie nos ambientes percorridos por ocasião deste trabalho de campo.

Conclusões

Levando em consideração o tempo gasto e o trabalho para a produção do chapéu e o fato de ser uma produção tradicional e artesanal, contribuindo também para a manutenção das populações do buriti nestas comunidades, percebe-se que a atividade precisa ser valorizada buscando sistemas de economia solidária e mercados justos. Novos produtos obtidos a partir de frutos e estipe devem ser buscados, visando à diversificação de produtos e agregando valor à espécie e ao trabalho das artesãs.

As práticas utilizadas na colheita e produção do chapéu não causam exploração intensa e/ou degradação da espécie e do ambiente como um todo, havendo uma preocupação com a sustentabilidade do processo de colheita e beneficiamento bem como com a manutenção da espécie.

A sustentabilidade, no entanto, depende fortemente do incentivo ao plantio de novas palmeiras, pois não está, em uma primeira análise ocorrendo renovação da população de plantas exploradas, devido ao pastoreio animal.

Agradecimentos

Agradecemos à família de artesãs pelas informações.

Referências

BACKES, P.; IRGANG, B. **Mata Atlântica: as árvores e a paisagem**. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 393p.

CARVALHO, P.E.R. **Espécies Arbóreas Brasileiras**. Brasília, DF; Colombo, PR: Embrapa Informação Tecnológica; Embrapa Florestas, 2010. 644p.

GUBERT FILHO, F. A. Descrição de duas áreas de ocorrência natural da palmácea *Trithrinax brasiliensis* no estado do Paraná. **Boletim FBCN**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 79-88, 1987.

LORENZI, H.; SOUZA, H. M. de; MEDEIROS-COSTA, J. T. de; CERQUEIRA, L. S. C. de; BEHR, N. von. **Palmeiras no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa: Plantarum, 1996. 303 p.

PARANÁ. Secretaria de Estado e do Meio Ambiente. **Lista vermelha de plantas ameaçadas de extinção no Estado do Paraná**. Curitiba: SEMA: GTZ, 1995. 139 p.